

QUELLE EURO
PÉ VEUT-ON?
4 EDITORAS
FECHADAS EM
CASA A PARÁ
BOLADO PÃO

B D

9 4 *BLIMUNDA*

ILUSÕES DE IGU
ALDADENO PA
ÍS DO CARNAVAL

Editorial

VOLTAR PARA ONDE?

Leituras

SARA FIGUEIREDO COSTA

Estante

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

**ILUSÕES DE
IGUALDADE NO
PAÍS DO CARNAVAL**

SARA FIGUEIREDO COSTA

A PARÁBOLA DO PÃO

JUAN VILLORO

***FECHADAS
EM CASA***

And the winner is... / Espelho Meu

ANDREIA BRITES

saramaguiana

**QUELLE EUROPE
VEUT-ON?**

AGENDA

Epígrafe

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 93 março 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 - 1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org - www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos

Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm



EDITORIAL

VOLTAR PARA ONDE?

Em *O amanhã não está à venda*, pequeno livro que acaba de ser distribuído gratuitamente em formato ebook no Brasil, o escritor, jornalista e líder indígena Ailton Krenak conta a seguinte história: após o desastre ambiental causado pelo rompimento de uma barragem na cidade de Mariana, em Minas Gerais, alguns engenheiros procuraram-no para o informar de que usariam a «tecnologia» para recuperar o rio, e para saber a sua opinião. «Eu respondi: a minha sugestão é muito difícil de colocar em prática. Teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilómetros, nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ‘ter vida’. Então um deles disse-me: Mas isso é impossível.» O mundo não podia parar, diz Krenak, antes de concluir: «E o mundo parou».

Ailton nasceu na região do vale do rio Doce, zona onde aconteceu a maior tragédia ambiental da história do Brasil, e destaca-se há anos como uma das lideranças do movimento indígena com o seu trabalho de educação ambiental. Krenak é

o nome do povo a que pertence, um grupo que há muitos anos se sente ameaçado e vê o seu futuro em risco, algo que, por estes dias, grande parte da humanidade vive na pele.

Após longas e apreensivas semanas de quarentena por causa da Covid-19, em Portugal – assim como na maioria dos países da Europa – começa a ensaiar-se um retorno à normalidade. Mas a pergunta que agora se impõe é: para onde queremos voltar? Queremos retomar o ritmo pré-pandemia? Voltaremos à lógica do consumismo desenfreado e à destruição dos recursos naturais?

«Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu de nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro», diz Krenak em *O amanhã não está à venda*. Que nesse tempo em que o mundo está parado sejamos capazes de avaliar a sociedade que estamos a construir e repensar modelos, para que o mundo, e nós, possamos seguir viagem de uma maneira diferente.

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

L
U
Í
S

S
E
P
Ú
L
V
E
D
A



Um adeus a Luís Sepúlveda

Luis hizo un brindis en el que dictaminó que para él la amistad y la literatura eran una misma cosa, las dos caras de una misma luna.

Luís Sepúlveda morreu no passado dia 16, vítima da Covid-19. O escritor chileno, que vivia nas Astúrias há vários anos, deixou uma obra vasta e muitas histórias partilhadas com amigos e conhecidos. Um desses amigos, o também escritor Santiago Gamboa, assina no *El País* um texto de despedida que é, também, um modo de celebrar a vida e os momentos partilhados entre livros e encontros. «En esos años Luis vivió una especie de boom latinoamericano para él solo, que de inmediato quiso compartir con colegas y amigos. Mis primeras traducciones y el acceso directo a sus editores fue una prueba de su oceánica generosidad. Y como yo, muchos otros novelistas vieron aparecer sus libros prologados por él o en colecciones dirigidas por él, caso de José Manuel Fajardo, Hernán Rivera Letelier o Antonio Sarabia, entre muchos. También se unió a escritores con un recorrido en paralelo, como Paco Ignacio Taibo II o Leonardo Padura, poniendo siempre su enorme celebridad al servicio de todos. Esa noche, en Trieste, después de la obra, celebrando su cumpleaños en una cena en la que todos estábamos de smoking excepto Gassman (y, por eso mismo, todos parecíamos los guardaespaldas de

Gassman), Luis, o Lucho, como le dijimos siempre, hizo un brindis en el que dictaminó que para él la amistad y la literatura eran una misma cosa, las dos caras de una misma luna, y lo siguió diciendo más tarde en el hotel, cuando, al ver que los bares de Trieste no tenían costumbres latinoamericanas y cerraban temprano debimos reunirnos en uno de los cuartos y traer cada uno el contenido completo de su respectivo minibar (idea del embajador de Chile, que vino al evento), y una vez más brindar por tantos libros leídos y queridos.» ►



Arcadia: uma edição por acontecer

***No site da Liga Contra El Silencio
podem ler-se esses artigos
e encontrar os links para as
diferentes revistas e jornais que os
estão a partilhar.***

A revista colombiana *Arcadia* era uma das publicações de referência no universo da literatura, dos livros e da cultura no espaço da língua castelhana. Com a reestruturação do Grupo Editorial Semana, detentor da publicação, a revista foi encerrada ao fim de quinze anos e 171 edições mensais. Quem ali escrevia todos os meses estava,

naturalmente, em processo de preparação do número 172, mas os artigos que entretanto se escreveram ficaram sem possibilidade de chegar aos leitores. Para contrariar esse destino, os antigos jornalistas e colaboradores da Arcadia propuseram à Liga Contra El Silencio, uma organização que junta jornalistas e meios de comunicação no combate à censura, que publicasse estes textos já escritos. Várias organizações, revistas e jornais on-line se juntaram a este projecto, criando uma etiqueta, a #LaRevistaQueNoFue, que vai agregar as publicações destes artigos. No site da Liga Contra El Silencio podem ler-se esses artigos e encontrar os links para as diferentes revistas e jornais que os estão a partilhar nos seus próprios espaços. ►



Cartas em tempos de confinamento

***Há gente resistindo ao
confinamento, por achar
deprimente viver uns mesitos
sem sair de casa. Que perguntem
também como é que os africanos
sobreviveram no cativeiro, no
exílio e no minúsculo fundo do
porão!***

A Revista Pessoa criou uma rubrica que sugere aos seus convidados que escrevam uma carta a alguém, publicando depois a primeira missiva e a respectiva resposta. Numa dessas trocas epistolares, a escritora moçambicana Paulina Chiziane responde ao crítico e investigador, também moçambicano, Nataniel Ngomane. Um excerto: «Durante as guerras passadas, aqui em Moçambique, tínhamos que sair de casa, fugir para as matas e dormir nas trincheiras. Muita gente morreu no mato e não teve sepultura. Ainda hoje se apanham, ao relento, ossadas das vítimas dessas guerras. Essas guerras dispersavam a família. Nesta guerra, contra a covid 19, as pessoas ficam confinadas, em casa. Que dor é que isso tem? Confinamento obrigatório? Devia ser voluntário, cada um devia cuidar da sua vida sem a força da lei.

O número de mortes da covid 19 é assustador, para o mundo inteiro. Mais assustador ainda para quem nunca se imaginou numa tal experiência. Que o mundo entenda hoje a dor dos africanos que dançam com a morte desde que nascem até que morrem: invasão colonial, colonização, escravatura, gente vendida nas plantações, deportações, guerras, massacres, cadáveres ao relento, epidemias sem fim. Há gente resistindo ao confinamento, por achar deprimente viver uns mesitos sem sair de casa. Que perguntem também como é que os africanos sobreviveram no cativeiro, no exílio e no minúsculo fundo do porão! Como puderam superar tantos séculos

de privação de liberdade? A quarentena mundial dura alguns meses e toda a gente já sente saudades de ir à rua, respirar o cheiro do mundo. A privação da liberdade dos africanos durou séculos, e era exploração. A quarentena mundial não é prisão, mas sim protecção.» ▶ ▶

////////////////////

A fachada de Rubem Fonseca
Sugeri que ele alterasse essas construções nos diálogos, porque não me soavam coloquiais. Ele me respondeu: “Você tem que entender que eu sou filho de portugueses.

Cultivava uma certa aura de duro, desinteressado, mais atento às pequenas violências da linguagem do que aos gestos de ternura. Talvez Rubem Fonseca, que morreu no dia 15 de Abril, aos 94 anos, quisesse confundir-se com as suas personagens, mas quem privou com o escritor sabe que era apenas fachada. No jornal *O Globo*, Heloisa Jahn, tradutora e ex-editora da Companhia das Letras, onde Rubem Fonseca publicava, conta esta história sobre o autor de *O Caso Morel* ou *E do Meio do Mundo Prostituto* *Só Amores Guardei ao Meu Charuto*:

**R
U
B
E
M

F
O
N
S
E
C
A**

«Eu lia os manuscritos – na época ainda líamos no papel – e anotava tudo, de emendas a palpites. Depois, ia ao Rio de Janeiro e fazia reuniões na casa dele. O Zé Rubem era respeitoso e ouvia com atenção minhas ideias. Aceitava grande parte delas e, quando não aceitava, se justificava de uma forma muito interessante.

Eu estranhava, por exemplo, algumas construções lusitanas que ele usava muito, como “estou a andar” em vez de “estou andando” e a preferência dele pela ênclise no lugar da próclise, como “sinto-me” em vez de “me sinto”.

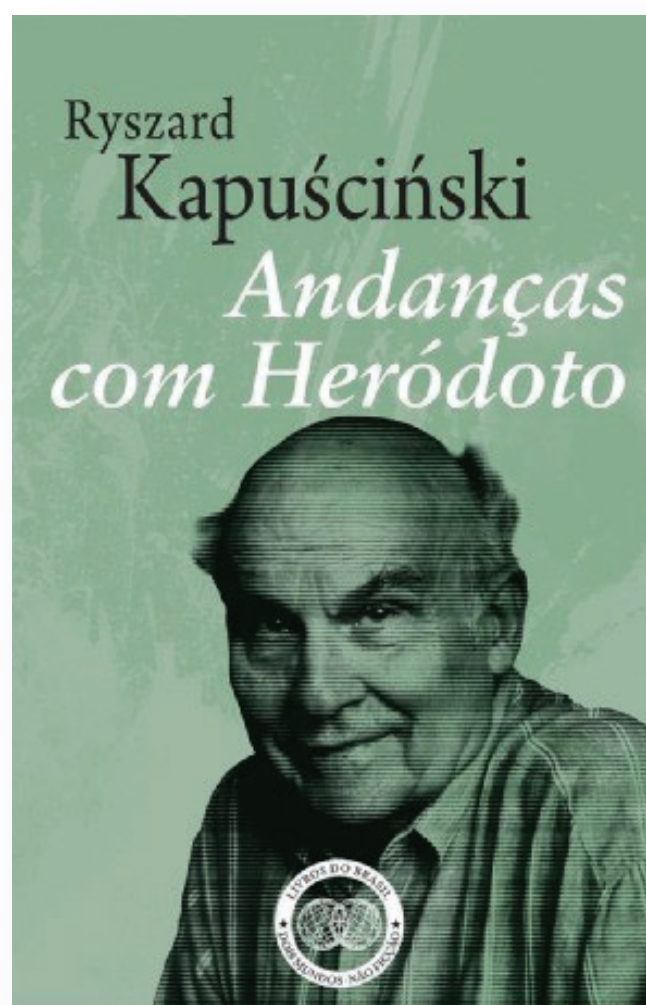
Sugeri que ele alterasse essas construções nos diálogos, porque não me soavam coloquiais. Ele me respondeu: “Você tem que entender que eu sou filho de portugueses. Era assim que se falava na minha casa e essa se tornou a minha língua.” Depois disso, passei a achar ênclises perfeitamente coloquiais.

Lembro de um outro episódio, que aconteceu nesse mesmo dia. Passamos a tarde toda trabalhando e fomos ficando cansados. Eu disse: “Zé Rubem, você não acha que podíamos tomar outro café?” Ele tinha me oferecido um café quando cheguei. “Vou lá fazer”, ele respondeu. O Zé Rubem gostava de cultivar uma imagem de cara difícil e fechado, mas, naquela tarde, indo para cozinha, ele se virou de repente e, com um sorriso maroto, me pediu: “Você não conte para ninguém que eu sou assim simpático”. Agora acho que já posso contar.» ►

SARA FIGUEIREDO COSTA

LEITURAS

***A História como guia
emocional***



ANDANÇAS COM HERÓDOTO

RYSZARD KAPUSCINSKI

LIVROS DO BRASIL

TRADUÇÃO DE WŁODZIMIERZ J.

SZYMAŃIAK E ISABEL PONCE DE LEÃO

É difícil separar o repórter do viajante quando se trata de Ryszard Kapuscinski. Os seus livros incluem sempre esses dois gestos que lhe eram fundamentais: andar pelo mundo e contar o que via – uma coisa dependia da outra. Nestas Andanças Com Heródoto, revela-se o primeiro impulso de cruzar fronteiras e toma-se o pulso aos territórios percorridos a partir da memória e da História.

Kapuscinski era repórter novato num jornal polaco e a sua missão era cobrir os acontecimentos em diferentes aldeias da Polónia. Era o tempo da cortina de ferro, convém lembrar, e sair do país não se fazia apenas com vontade de ver o que havia do lado de lá. A vontade, no entanto, começou a tomar conta do autor sempre que andava por aldeias fronteiriças: «O mistério e o silêncio intrigavam e atraíam. Era tentado a ver o que estava do outro lado. Imaginava o que é que se podia sentir ou pensar ao atravessar a fronteira. Deve ser um momento de grande emoção, de tensão, de inquietude. Como será do outro lado? (...) Atravessar e voltar imediatamente bastar-me-ia para saciar a minha ansiedade psicológica irracional, pensava eu. Mas como chegar ao ponto de fazer isso?» (pg.17) Num daqueles movimentos que gostamos de atribuir ao destino, a editora de Kapuscinski decidiu enviá-lo à Índia para uma série de reportagens para o jornal. Kapuscinski nunca tinha saído da Polónia e não sabia nada sobre a Índia. Para o ocupar na longa viagem – ou talvez num daqueles movimentos imperceptíveis que nos levam a aproximar-nos de outrem sem perceber bem a raiz do gesto – a sua editora ofereceu-lhe *Histórias*, de Heródoto, e foi assim que o autor cruzou a primeira de muitas fronteiras, o desconhecimento sobre o seu destino numa mão e a possibilidade de uma aproximação ao mundo na outra.

As viagens que estruturam este livro começam na Índia, mas hão-de passar pela China, pela chamada Ásia

**RYSZARD
KAPUSCINSKI**



Menor, pelo Egipto, descendo depois para vários países africanos. Sobre alguns destes lugares, Kapuscinski escreveu livros imprescindíveis, mas neste volume o texto anda mais pelas reflexões cruzadas do que pelo registo das viagens feitas. E no eixo dessas reflexões está sempre Heródoto. As viagens do grego que nos terá legado a ideia de História aconteceram cinco séculos antes da era cristã, com preparativos, condições e imprevistos muito distintos daqueles que podemos esperar hoje. Ainda assim, o seu olhar perante o que não conhece, a vontade de registar o que vê – e o que sente a partir do que vê –, a capacidade analítica e transdisciplinar que lhe permite invocar factos, mitos ou registos alheios num modo de compreender pessoas e lugares são formas intemporais de relacionamento com o mundo. E, claramente, encontram em Kapuscinski um interlocutor que se identifica com elas e a elas recorre na sua caminhada.

É entre as viagens de Heródoto, as suas próprias viagens e uma evocação constante da memória individual e colectiva que Kapuscinski constrói este livro e é essa filigrana factual, emocional e narrativa que faz de *Andanças Com Heródoto* um dos livros mais curiosos da sua extensa bibliografia. Não que as descrições dos lugares que visita e das pessoas com quem se cruza não pesem na narrativa, sendo bons exemplos da melhor prosa do autor, mas o osso deste texto está no vórtice que se cria com a convocação permanente de Heródoto e a revisitação pontual das memórias de infância do autor. O espaço vai desfilando, os dias de viagem acumulam-se, mas é a atemporalidade que se instala nestas páginas, essa desconfiança de que o tempo será mesmo uma ilusão sempre a assomar e sempre a bater de frente com a certeza do relógio e o facto incontornável da nossa mortalidade.



ANDREIA
BRITES
SARA FIGUEIREDO
COSTA

E S T A N
T E



FRENTE AO CONTÁGIO

PAULO GIORDANO
RELÓGIO D'ÁGUA

O autor italiano escreve sobre a pandemia que se instalou no mundo: «A epidemia do coronavírus é candidata ao título de emergência sanitária mais importante da nossa época. Não a primeira, não a última e talvez nem sequer a mais horrível. É provável que, quando terminar, não tenha produzido mais vítimas do que muitas outras, mas três meses passados sobre o seu aparecimento obteve já um primeiro lugar: o SARS-CoV-2 é o primeiro novo vírus a manifestar-se tão velozmente à escala global.»

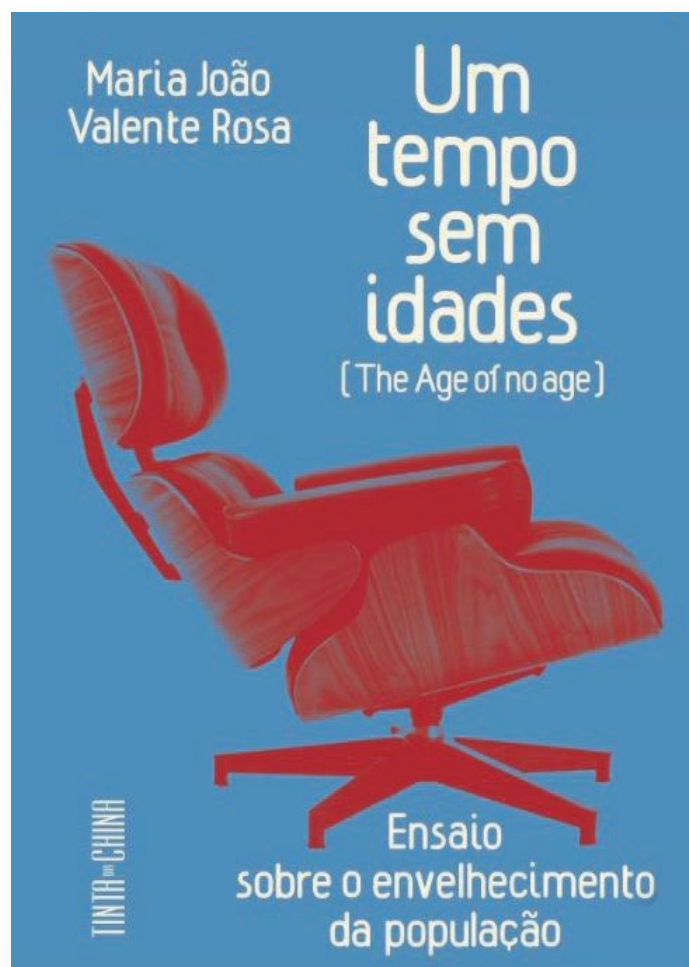


OUTRO

CHRISTIAN ROBINSON

ORFEU NEGRO

Neste álbum sem texto uma perseguição transforma-se em descobertas múltiplas do outro e de si. Uma passagem mágica evoca a toca do coelho de Alice e abre caminho para novos cenários lúdicos, entre percursos que remetem para os videojogos, camas de bolas ou pátios de jogos. Tudo começa num quarto, durante a noite quando uma menina dorme tranquilamente com o gato aos pés. Abre-se o portal e um outro gato rouba um rato ao gato, em quase tudo igual. Distinguem-se pela cor da coleira, como nos desafios entre equipas. Quem é quem afinal? Somos espelhos uns dos outros? O *twist* final é inesperado e alimenta ainda mais essa dualidade obtusa e muito divertida.



UM TEMPO SEM IDADES

MARIA JOÃO VALENTE ROSA

TINTA DA CHINA

Um ensaio sobre o envelhecimento da população, cruzando as conquistas da medicina e os desafios sociais, económicos e culturais associados ao facto de vivermos mais tempos. Como se diz na apresentação, «o aumento do tempo médio de vida tem de deixar de significar ser-se velho por mais tempo, para passar a ser entendido como ter-se mais tempo para viver.»

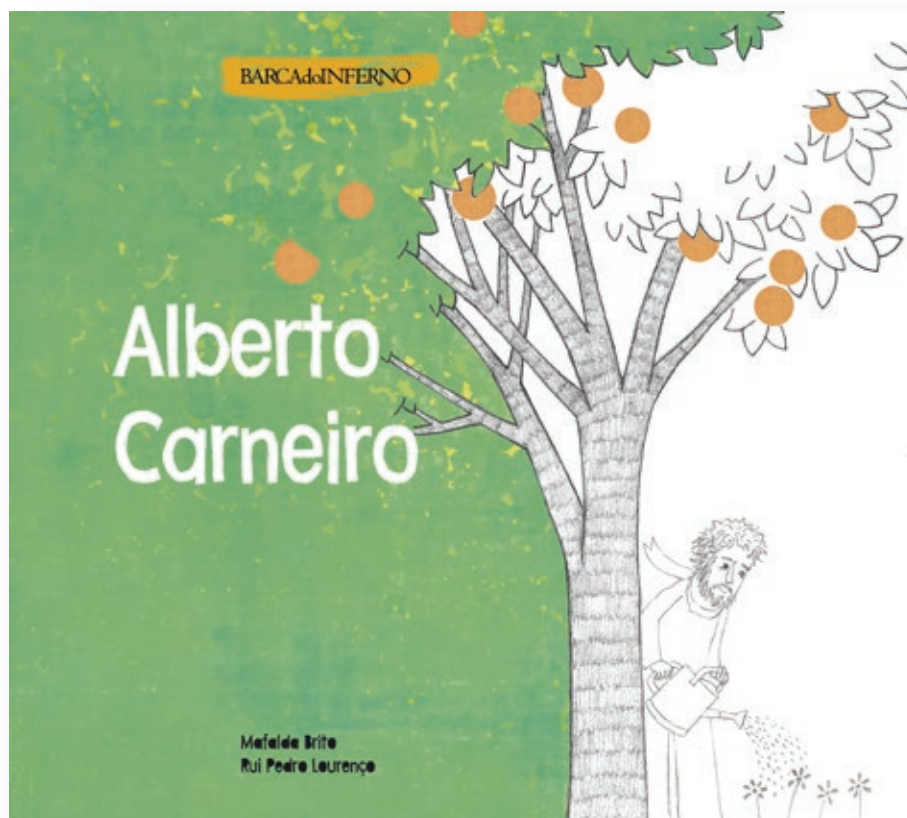


POETA CHILENO

ALEJANDRO ZAMBRA

ANAGRAMA

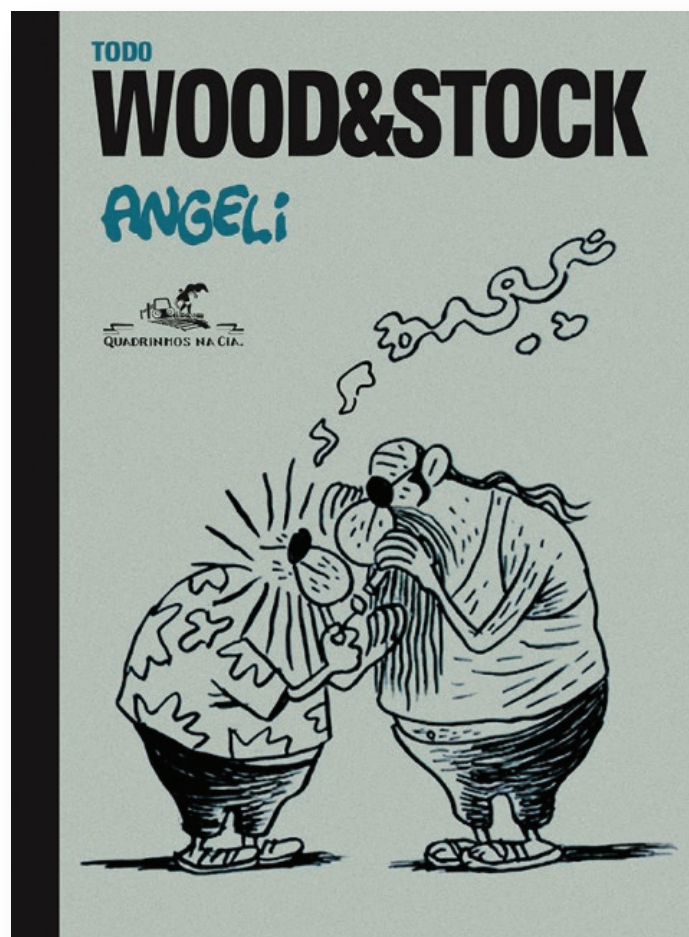
O novo romance do autor chileno gravita em torno das relações afetivas, entre a estrutura por vezes libertadora, outras vezes sufocante, da família e as amizades que vão compondo os equilíbrios de uma vida. Tudo atravessado pela poesia, que duas das personagens têm como ocupação regular, e por uma aparente simplicidade da linguagem que não esconde o humor como modo de refletir e a atenção aguda aos gestos que nos definem.



ALBERTO CARNEIRO **ÂNGELO DE SOUSA**

MAFALDA BRITO, RUI PEDRO LOURENÇO
BARCA DO INFERNO

A Barca do Inferno continua a editar títulos sobre artistas plásticos portugueses. Depois de Amadeo de Souza-Cardoso e de Helena Almeida, chega a vez de Alberto Carneiro e Ângelo de Sousa. O modelo mantém-se: da biografia apenas se relata o que se relaciona com as descobertas de processos criativos, com a perspectiva sobre o mundo que faz com que cada um destes artistas se dedique às formas, aos objectos, às cores. Num tom poético, a descrição narrativa tenta uma aproximação ao sentido das obras para assim propor aos leitores mais novos que também observem e questionem o que vêem e sentem.



TODO WOOD & STOCK
ANGELI
COMPANHIA DAS LETRAS

Reúnem-se pela primeira vez num único álbum todas as pranchas da série de banda desenhada Wood & Stock, que marcaram presença nas páginas da revista brasileira *Chiclete Com Banana*, um dos fenómenos do processo democrático do Brasil pós-ditadura. As pranchas foram restauradas digitalmente a partir dos originais do autor e o livro chegará às livrarias assim que as medidas de confinamento provocadas pela actual pandemia sejam afrouxadas.



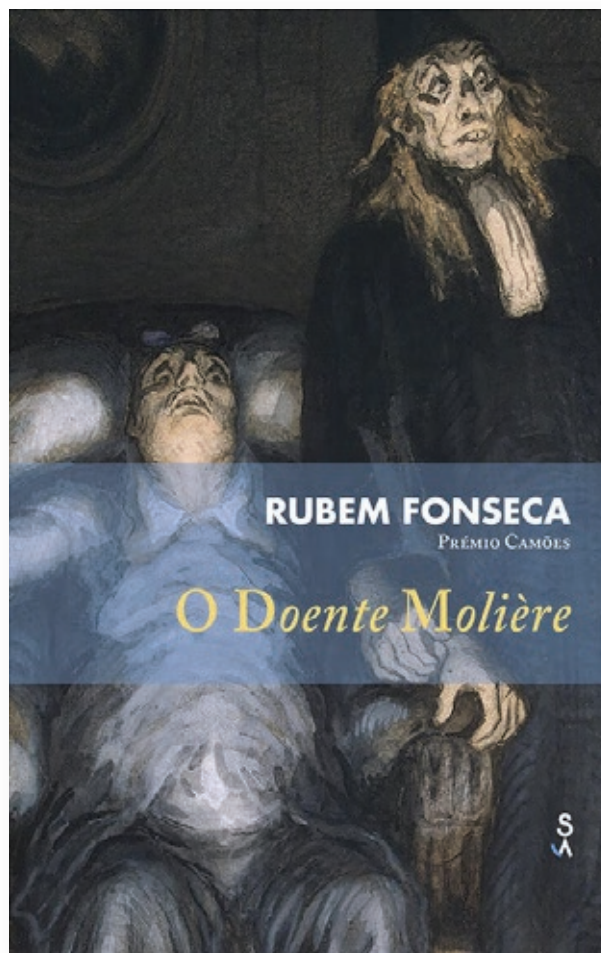
NEM TE DIGO NEM TE CONTO

VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA

MADALENA MATOSO

APCC

Vergílio Alberto Vieira reconta neste conjunto de poemas algumas histórias clássicas. As fábulas de La Fontaine, a *Menina dos Fósforos* de Andersen, *O Barba Azul* de Perrault, *A arca do não é* de Manuel António Pina são quatro dos seis poemas do livro. As associações lúdicas e as imagens visuais aligeiram e dão velocidade às rimas que estabelecem relações entre os autores, as personagens e a própria criação das narrativas. Neste jogo intertextual desperta-se a curiosidade e o reconhecimento de leituras prévias. A ilustração de cores vivas e formas compósitas alimenta a sensação de leveza que o texto transmite.



O DOENTE MOLIÈRE

RUBEM FONSECA
SEXTANTE

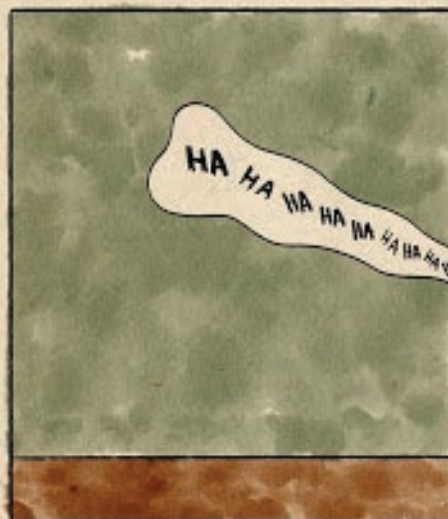
Homenageando o autor, falecido há poucas semanas, regressa às livrarias um dos mais conhecidos livros de Rubem Fonseca, um caso onde o policial e o mistério se cruzam em torno das circunstâncias da morte do conhecido dramaturgo francês do século XVII, Jean-Baptiste Molière.

*sara
figueiredo
costa*

*leandro
assis:
ilusões de
igualdade
no país do
carnaval*

Começou como argumentista de séries e filmes, mas foi com a banda desenhada que o seu trabalho ganhou reconhecimento global. Leandro Assis nasceu no Rio de Janeiro, onde viveu até há um ano e pouco. As primeiras tiras que publicou numa conta de Instagram coincidiram com a chegada de Jair Bolsonaro ao topo do governo brasileiro e foi assim que nasceu a série Live com o minto Javir Boulsonarro. Um pouco mais tarde, com o início de uma nova série, Os Santos, Assis centrou o seu universo criativo no contraste entre as vidas de uma certa classe média/alta brasileira e das empregadas que trabalham em suas casas. Foi aí que o site Media Ninja destacou o seu trabalho, dando a Leandro Assis um reconhecimento generalizado.

Apesar de viver em Portugal, há cerca de um ano, a pandemia que atravessamos obrigou a que esta conversa decorresse à distância, através da internet. E foi precisamente com a pandemia, e com o período de confinamento que experimentamos, que começou a conversa, porque as últimas criações de Leandro Assis têm sido sugestões de leitura para quem está em casa. «Na verdade, a ideia de sugerir leituras foi a maneira que encontrei de retomar a produção das minhas tiras. A quarentena mexeu demais com a rotina aqui em casa, e eu



LIVE
COM O MINTO
JAVIER
BOULSONARRO





Os Santos
uma tira de ~~humor~~ **ódio**

Instagram: @cleandro_assis-ilustra
Twitter: @cleandroassis73



Os Santos

uma tira de ~~humor~~ **ódio**

Instagram: @leandro_assis-ilustra
Twitter: @leandroassis73

Uma ameaça no Planalto

A série **Live Com o Minto Javir Boulsonarro** acompanhou a chegada de Jair Bolsonaro ao poder e à presidência do Brasil. As várias tiras que Leandro Assis criou nessa altura centravam-se em discursos, decisões e inúmeros episódios difíceis de aceitar, que tantas vezes pareciam tirados de uma farsa de má qualidade, onde a verosimilhança seria posta em causa não fosse a certeza de que tudo aquilo estava realmente a acontecer. Para o autor, como para uma parte dos cidadãos brasileiros, «foi um momento muito difícil. Desde o surgimento dele como candidato já acreditava que seria eleito. Via amigos e parentes decididos a votar nele, e isso me assustava. A eleição de Bolsonaro veio como uma resposta intolerante das elites aos ganhos sociais dos anos anteriores. Sua campanha foi marcada por fake news, perseguição às minorias e à classe artística. Por apego a seus privilégios, a elite aceitou eleger uma pessoa ligada a milícias, um político profissional que nada fez em 30 anos de vida política, um sujeito que prega a morte e a opressão, que defende torturadores da ditadura. Enfim. A eleição dele foi decisiva para a nossa decisão de vir para Portugal.» Apesar de viver no Porto, o autor continua a escrever e a desenhar sobre a realidade brasileira: «Acho que

precisarei de muito tempo para me sentir a vontade para falar com propriedade da realidade portuguesa. É um país com tanta história, um passado tão rico. Ainda não conheço o suficiente.»

Histórias de família

Os Santos é um retrato sem filtros daquilo que se passa em tantas casas “de família” no Brasil, onde o trabalho duro – e mal pago, sem direitos e sujeito a toda a espécie de opressões – é uma realidade para tantas brasileiras (são quase sempre mulheres) sem outra chance de ganhar a vida. Em cena, a família Santos e Edilsa, a empregada doméstica cuja existência só é reconhecida no contexto do trabalho que é suposto fazer. Essa falta de reconhecimento por parte dos patrões é claramente compensada pelas narrativas que vão apresentando a sua própria família e contrastando os dramas e desafios diários de ambos os núcleos familiares. «O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo», afirma o autor. «A injustiça social é vergonhosa. Além disso há uma falsa democracia racial. Há muito machismo, homofobia. E a eleição do Bolsonaro deixou isso tudo ainda mais evidente. Ele se orgulha de ser intolerante, homofóbico e machista. Muitos de seus eleitores compartilham de sua visão. Ou no mínimo aceitaram

eleger um candidato com essas características. Esse governo também persegue a cultura, a educação, a ciência e, pior de tudo, quer tirar direitos dos mais pobres. Enfim, é um governo que representa, no meu entender, o que há de pior. Em um primeiro momento, eu era daqueles que discutia nas redes sociais, apontando os absurdos desse governo. Mas logo vi que essas discussões não levavam a nada, e só me desgastavam. Então decidi fazer uma tira de humor criticando o governo e seus absurdos. Fiz a série Live Com o Minto Javier Boulsonarro. Depois de mais de 50 tiras batendo no governo, senti que faltava falar de seus eleitores. Ou pelo menos de um tipo de eleitor do Bolsonaro: pessoas da elite, zona sul do Rio de Janeiro, preconceituosas, favoráveis à intervenção militar. Os bolsominions. Essa foi a ideia para a série Os Santos, que aos poucos foi se tornando mais que uma crítica aos bolsominions e se tornou uma série que fala da relação entre uma família de patrões e uma família de domésticas, e assim aborda racismo, preconceito, injustiça social, etc.»

Depois de dez episódios da série, Os Santos ganhou uma nova argumentista. Triscila Oliveira, uma ciber-activista que luta pelos direitos humanos, com muito trabalho desenvolvido no contexto do feminismo e do racismo estrutural que domina o Brasil. «À medida

que a família de empregadas domésticas foi ganhando mais importância na série, percebi que precisaria de alguém para me ajudar a retratar a realidade delas. Muitas domésticas e ex-domésticas comentavam nas tiras no Instagram, e eu já vinha conversando com elas, perguntando informações, fazendo pesquisa. Até que a Triscila Oliveira surgiu com um comentário e começámos a conversar. Triscila tinha muita coisa interessante a dizer, não apenas sobre a realidade das domésticas, já que vem de uma família delas, mas também sobre o movimento negro e feminista, por ser uma ciber-ativista. Então a convidei para escrever a série comigo.» A chegada de Triscila enriqueceu visivelmente os episódios, com enredos onde abundam os pequenos detalhes que ajudam a caracterizar atitudes e preconceitos. Para além das situações do quotidiano, o gesto de luta que também está na origem desta série ganha representação directa nas próprias histórias, como no episódio que decorre numa sala de aula, durante a apresentação de um trabalho sobre a escravidão e o racismo no Brasil. Triscila Oliveira conhece estes cenários por dentro, tal como Leandro Assis: «Sou de uma família da zona sul do Rio de Janeiro. Sempre observei a relação entre patrões e domésticas que acontecia em minha casa ou de meus parentes e amigos. Mesmo quando a relação é cordial, o

racismo estrutural está presente.» O facto de um e outro terem do contexto uma experiência quase oposta não os coloca em afronta, pelo contrário. É da consciência aguda das injustiças, dos preconceitos sempre assumidos como verdades universais e do significado de cada gesto ou palavra aparentemente inocente que nasce a riqueza política, cultural e sociológica desta série de banda desenhada.

Outras histórias

O trabalho de Leandro Assis em banda desenhada não se fica pelo Instagram. Recentemente, em parceria com o artista e performer Molusco e o editor e autor de banda desenhada Lobo, criou a editora **Moluscomix**. O catálogo está à espera que a pandemia abrande para se materializar, mas já há um título em pré-venda e vários produtos associados, tudo sempre centrado num universo onde o rock, o sexo e a cannabis se juntam à memória de uma juventude não necessariamente perdida. Sobre a criação da editora, diz-nos Leandro: «Molusco é um grande amigo e colega de trabalho. Nos conhecemos na produtora em que trabalhávamos como roteirista. Ele tem um canal no YouTube, o *Mundo Molusco*, onde conta suas histórias de juventude, suas aventuras “canábicas”. Nos juntamos ao Lobo, outro amigo, e um grande autor

e editor de banda desenhada do Brasil, para fazer um livro reunindo alguns dos contos do Molusco. Minha participação foi ilustrando o livro, inclusive um banda desenhada de 16 páginas. Desse projeto surgiu a ideia de criar a editora Moluscomix, para lançar outros livros e bandas desenhadas com histórias do Molusco, e também trabalhos de outros autores que tenham a maconha como tema.» Longe do universo de Os Santos, Leandro Assis não perde a sua marca nos diferentes trabalhos que cria, e raramente se afasta de uma certa ideia de intervenção social e política, mesmo que vivida sem o peso de uma responsabilidade: «Acho que há momentos em que o autor se sente mais “obrigado” a se posicionar. Não conseguiria passar por esse momento do Brasil sem criticar o que vejo por lá. Mas é fato que o trabalho mais autoral costuma ser movido por indignação e incômodo. Sinto uma necessidade de dividir com outras pessoas o que me incomoda. É uma maneira de refletir sobre certas questões, colocar na mesa para discutir, ouvir opiniões.» A família Santos não compreenderia.

**Dando sinal de
vida pra dizer que o
preconceito não descansa
nem na quarentena.**



*parábola
do*

noa

*juan
villoro*

o

parábola do pão

Os governos do mundo anunciam cortes na cultura em nome da economia (ser supremo da teodiceia contemporânea). O paradoxo é que as pessoas sobrevivem ao confinamento graças à cultura. Há muitos séculos, o esforço de lavar roupa supera-se cantando.

Churchill assegurava que a Grã-Bretanha ganhou a guerra por não ter fechado os teatros. Um povo que representa Hamlet durante os bombardeios não pode ser vencido. A paixão do primeiro-ministro pela pintura e pela literatura foi vista pelos seus colegas como uma extravagância similar ao seu consumo de charutos e uísque, e teve algumas repercussões imprevistas (o nome da banda de jazz-rock Blood Sweat and Tears surgiu do mais inflamado dos seus discursos, e a Academia

parábola do pão

Sueca aperfeiçoou a sua lista de erros ao conceder-lhe o Prémio Nobel de Literatura). A contraditória e carismática figura do lendário buldogue inglês não deixara de inspirar filmes e séries de televisão. Para além das circunstâncias da sua vida, convém resgatar uma das suas convicções: a política carece de sentido à margem da arte. Há uns dias, numa carta ao ministro da Cultura de Espanha, o diretor de teatro Lluís Pasqual recordou uma frase de Churchill: «Se sacrificamos a nossa Cultura, alguém me pode explicar para que fazemos a guerra?»»

Faz sentido um país sair da quarentena sem que os seus teatros, galerias, livrarias e salas de concertos reabram? Os artistas não parecem prioritários nos tempos de emergência. Apoios são-lhes

parábola do pão

suprimidos, ignorando que as pessoas precisam de gratificação estética.

Em tempos desprovidos de grandeza ninguém toma uma tribuna parlamentar com o ímpeto de Churchill, para não dizer com a sua retórica.

No entanto, sobrevive-se à crise graças ao que as pessoas imaginam. Para sair do presídio mental, alguns compartilham memes, gifs ou tuítes, outros recitam poemas, usam fantasias, cantam, conversam por telefone ou Skype, sonham, escutam os sonhos dos outros. Milhares de artistas disponibilizaram online as suas obras de teatro, filmes, livros, concertos. A espécie resiste através de formas de representação da realidade (eliminadas dos orçamentos públicos como a parte mais prescindível da realidade).

parábola do pão

Em «O Grande Inquisidor», capítulo de Os Irmãos Karamázov, Dostoiévski refletiu sobre o eterno dilema das prioridades humanas. Iván, o irmão intelectual, conta uma parábola a Aliosha, o irmão religioso. No século XVI, um velho inquisidor sevilhano volta a ver Cristo e aprisiona-o porque o seu regresso põe sob suspeita os ensinamentos de uma Igreja que se afastou da sua pregação. O ancião explica ao messias qual foi o pior dos seus erros. Quando ouviu a voz de Deus no deserto, poderia ter pedido qualquer coisa. O Pai Eterno ofereceu-lhe distribuir pão para toda a humanidade. Dessa forma Jesus poderia alimentar a humanidade para sempre, controlar a sua economia, submetê-la à sua lei. No entanto, a sua resposta foi desconcertante: «Nem só de pão vive o





parábola do pão

homem». A que se referia? Jesus preferiu promover a liberdade, mesmo sob o risco de ela ser usada contra si. Já na cruz, poderia ter recorrido a um milagre e subir ao céu escoltado por anjos. Mas não quis impor a sua fé com um truque. As pessoas deveriam decidir livremente se acreditavam ou não nele. Os milagres e a partilha do pão são uma forma de coação. Iván apresenta a história como um fracasso do cristianismo (um sacrifício inútil em nome da liberdade); Aliosha entende-o como um triunfo da fé sem amarras. Há ainda um terceiro ponto de vista. Dostoiévski sugere que o pão e a liberdade são inseparáveis. Imaginar que o trigo pode ir ao forno e depois partilhado são atos culturais. Colocar-lhe preço já é outra coisa. Em 1929, escreveu Federico García Lorca: «Nem

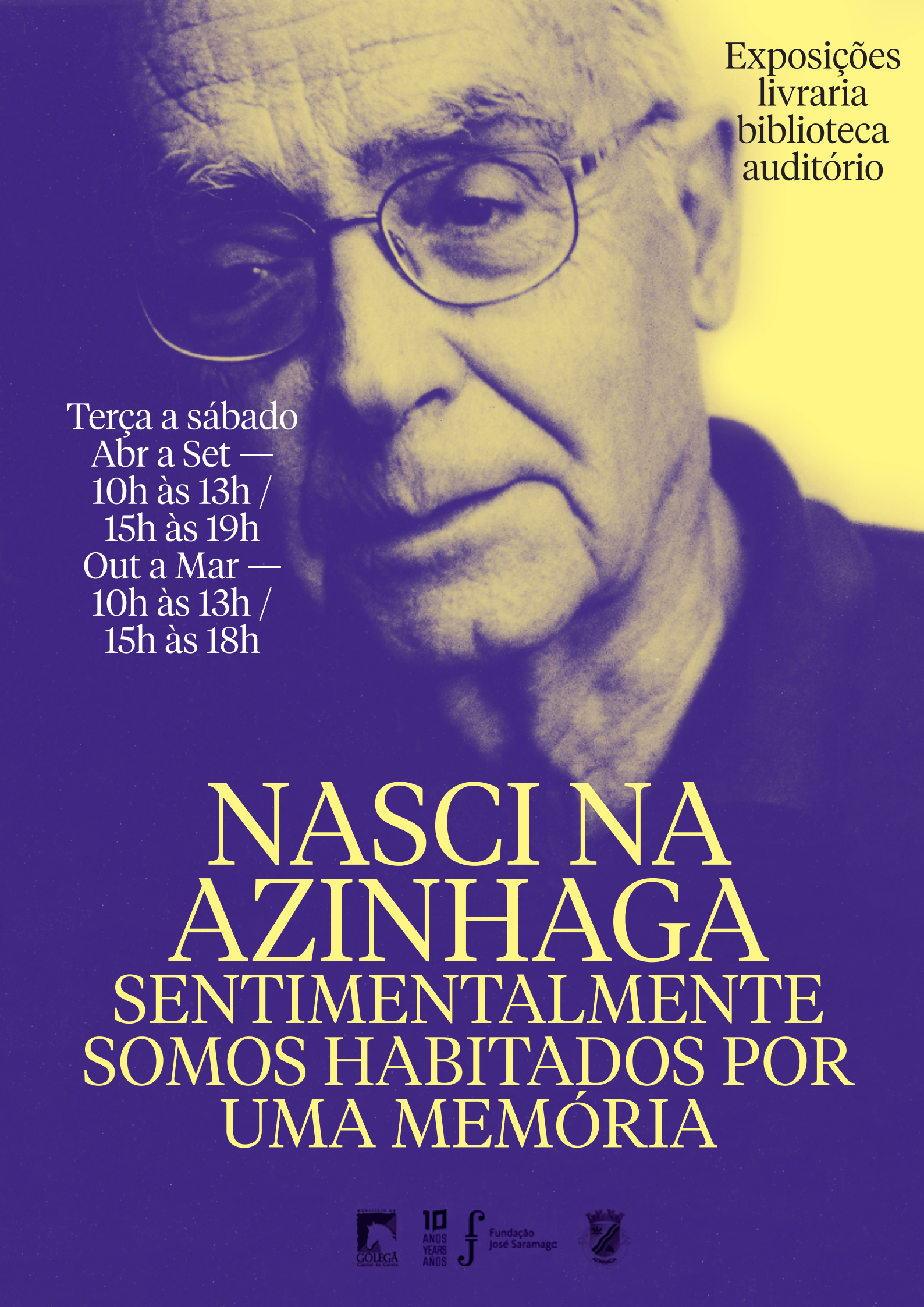
parábola do pão

só de pão vive o homem. Eu, se tivesse fome e estivesse na rua, não pediria um pão, mas meio pão e um livro. E ataco aqui violentamente aqueles que só falam das reivindicações económicas sem jamais nomear as reivindicações culturais, que são aquilo que os povos pedem aos gritos».

A metade da nossa existência é imaginária, o sabor do pão depende da liberdade.

A civilização começou em torno de uma fogueira. Os governos do mundo deveriam saber que isso serviu para três coisas imprescindíveis: aquecer as mãos, preparar a comida e contar histórias.

Texto publicado originalmente pelo jornal mexicano Reforma, no dia 24 de abril de 2020, e gentilmente cedido pelo autor para a revista *Blimunda*

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background of the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10
ANOS
YEARS
ANOS



Fundação
José Saramago





AMIGO DE
SARAMAGO
SEJA AMIGO DA
FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
E DESFRUTE
DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org



Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o
suplemento pernambuco

anual — R\$ 60
bianual — R\$ 100



CASA JOSÉ
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



Agora o Sócio Gerador
vem com o cartão para
a cultura portuguesa.

+ experiências
+ descontos
+ assinatura
Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

FECCH ADAS EM CASA

**KALANDRAKA
ORFEU NEGRO
PATO LÓGICO
PLANETA
TANGERINA
ANDREIA
BRITES**

Quatro editoras independentes, com características e identidades próprias, contam como estão a reagir ao confinamento e ao profundo abrandamento do mercado. A começar pela não participação forçada na Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha até às estratégias para o futuro, Margarida Noronha da Kalandraka, Isabel Minhós Martins do Planeta Tangerina, André Letria da Pato Lógico e Carla Oliveira da Orfeu Negro partilham com a **Blimunda acontecimentos, perspectivas e iniciativas do presente e para o futuro.**

Não ir a Bolonha

Abril é mês caro ao livro. A dois comemora-se o Dia Internacional do Livro Infantil e a 23 o Dia Mundial do Livro. No contexto do estado de emergência as livrarias físicas fecharam e os livros só se vendem on-line e, aqui e ali, muito esporadicamente, ao postigo. As Bibliotecas Municipais também estão de as portas fechadas embora muitas tenham encontrado vias alternativas para dar a ler os livros aos leitores. A nível internacional é um pouco assim por toda a Europa e o primeiro sinal veio de Bolonha, ainda em fevereiro, quando se anunciou a adiamento da Feira Internacional do Livro Infantil para maio (estava prevista realizar-se entre 30 de março e 2 de abril) para depois se reconverter numa feira virtual, cujo modelo se conhece agora e que vai decorrer entre 4 e 7 de maio. Incontornável é o facto de que o mais relevante momento anual para o setor do livro infantil não aconteceu presencialmente.

Antes da pandemia algumas editoras portuguesas já tinham assegurado a sua presença com stand próprio, à imagem do que vinha acontecendo em anos anteriores. A Kalandraka portuguesa juntar-se-ia às suas congéneres espanholas e italiana, o Planeta Tangerina assumiria um stand e a Orfeu Negro e a Pato Lógico continuariam a partilhar o espaço. A juntar a estas quatro editoras independentes, a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas lá estaria, como sempre, com um

catálogo, uma mostra de novidades e um espaço onde os editores portugueses sem stand se poderiam reunir com os editores estrangeiros. Nada disso aconteceu. Que impacto está a ter e terá no catálogo e na faturação de cada editora, ainda é cedo para dizer. Mas as quatro editoras estão de acordo num ponto: Bolonha é muito mais do que reunir com editores estrangeiros para comprar e vender direitos de títulos novos e menos novos, apesar da agenda sempre cheia. Esse ambiente profissional e social de proximidade não poderá ser medível do ponto de vista das perdas financeiras. A posição de cada uma destas quatro editoras no mercado editorial mundial também se faz do reconhecimento de catálogos e autores, de linhas gráficas e temáticas e os stands na Feira de Bolonha ajudam a legitimar a qualidade e a estabilidade de cada casa.

Isabel Minhós Martins, do Planeta Tangerina, destaca precisamente este aspecto como um dos mais importantes da presença em Bolonha. A venda de direitos já tem uma base de contacto entre um grupo de editoras de vários países do mundo que publicam os títulos do Planeta Tangerina e que os continuarão a publicar, independentemente da não ida a Bolonha. «Os contactos vão-se fazendo ao longo do ano e muitas reuniões e conversas acontecem virtualmente. Vão-se enviando informações sobre as novidades e os pdfs dos livros. E não vendemos só direitos das novidades. Às vezes aparece um editor que não conhecia o nosso catálogo e que

compra direitos de livros com sete, oito ou dez anos. É um processo contínuo.» Todavia, há sempre novas hipóteses de negócio e de se dar a conhecer o catálogo e os seus autores e editores.

Margarida Noronha, editora da Kalandraka portuguesa confessou a sua desilusão por não ir a Itália. Em primeiro lugar ali reencontraria as suas parceiras espanholas e italiana. «Na Kalandraka temos todas boa disposição. É o que nos ajuda.», desabafa a editora que assume a frustração por não poder rever pessoas queridas. «Perdeu-se muito, não necessariamente em oportunidades de negócio mas no contacto com editores estrangeiros, com ilustradores com quem trabalhamos e que apenas encontramos ali. Perde-se a oportunidade de conhecer pessoas e projectos.» Quanto aos direitos de novos títulos, Margarida assume que a reorganização do catálogo devido a esta profunda quebra faz com que não vá comprar direitos de novidades tão cedo. É uma pescadinha de rabo na boca: a Kalandraka Portugal, que é uma editora compradora de direitos de publicação e tradução de livros estrangeiros em Bolonha, não vai comprar novos títulos mas, se tivesse existido a Feira, teria comprado visto que não haveria pandemia. É como se tudo tivesse ficado congelado.

Para Carla Oliveira, editora da Orfeu Negro, não ir a Bolonha é sempre uma perda. «O contacto presencial facilita uma melhor apresentação dos livros e também um fortalecimento das relações com os editores

estrangeiros parceiros. Todos os anos, na sequência das reuniões na feira, fechamos vários contratos. Diríamos que 75% do total de venda de direitos que temos resulta de feiras (reuniões e outros contactos mais informais, editores que descobrem livros no stand) ou festivais de ilustração, e às vezes existem negócios que levam anos a concretizar-se, mas que acabam por acontecer também devido ao fomento da proximidade.» Perante este cenário pandémico e internacional, importa saber se as editoras vendedoras de direitos continuam a ter expectativas de os vender. Isabel Minhós Martins acredita que vão continuar a existir vendas, mesmo que em menor número. Carla Oliveira, por seu turno, depara-se com uma situação até certo ponto inesperada: «Estamos a fechar contratos. Um deles é o *Impossível*, da Catarina Sobral, para Catalão. Fechei há poucas semanas a compra de direitos de um livro para fazermos este ano. Mas por outro lado sentimos e sabemos que de repente houve projectos que se tornaram prioritários e outros que adiámos. Sente-se que o mercado abrandou mas os editores estrangeiros não pararam. Tal como nós também não parámos. Isso é um bom sinal.»

Já a Pato Lógico teve de alterar muito do seu trabalho por via da não ida a Bolonha. André Letria não sabe contabilizar as perdas mas assume-as. A começar pelo catálogo em inglês que a editora produz especificamente para a Feira. O anúncio do cancelamento já não chegou a tempo de se impedir a impressão do catálogo e neste

momento a Pato Lógico tem várias caixas cheias no seu armazém. «Também fizemos o planeamento editorial e contávamos levar quatro novidades à Feira. Parámos todas menos o *1º Direito* que já não conseguimos».

Por isso e também por estarem abertos a novas propostas e soluções, a equipa da Pato Lógico decidiu participar na versão online da Feira, nas reuniões possíveis. A ideia é explorar a plataforma virtual da melhor maneira possível, acrescentando pdfs e outros formatos para apresentar o catálogo editorial e as mais recentes novidades, editadas para levar à Feira. André Letria mostra-se muito aberto à experiência: «Não será o mesmo que estar lá, claro que não. Grande parte dos contratos que acabamos por fechar resultam de cruzamentos entre editores que nos vêem e manifestam interesse nos nossos livros ali, naquele corropio. Há contratos que obviamente acontecem de reuniões mas outros surgem porque as pessoas passam no stand e vêem a capa de um livro ou alguém lhes fala do que viu. Mas ninguém sabe o que será este modelo online. Talvez surjam outras oportunidades, não sabemos. Por isso vamos experimentar. Já enviámos o material que a organização vai disponibilizar em catálogos virtuais com os pdfs dos livros. Temos de estar abertos ao virtual porque muito passa por aqui. Vamos tentar conhecer outras editoras, outros projectos e mostrar os nossos. Temos sempre a expectativa de vender direitos de livros antigos a editoras que ainda não os conheçam

e, obviamente, de vender direitos das novidades, em particular o *1º Direito*."

A equipa da Orfeu Negro também vai participar. «Vamos manter o contacto com alguns editores e reunir com novos. É importante para nós continuarmos com a estratégia de conhecer novos editores para vender direitos. Neste momento comprar não é prioritário porque já temos o calendário para este ano e já temos projetos adiados para o ano que vem.»

Ao invés, o Planeta Tangerina não pensa participar. Assim que se soube do cancelamento da Feira foram vários os editores que se organizaram para reagendar as reuniões por zoom. Por isso, a componente dos encontros que a Feira agora propõe já foi resolvida. Para além disso o Planeta Tangerina faz parte de uma plataforma de editores chamada Depictus onde estão os livros de muitas editoras e se podem ir consultando as novidades. A participação é exclusiva para este sector e a entrada está sujeita a aprovação prévia do administrador da plataforma. «Podemos seguir editoras, somos avisados sempre que existe uma novidade, funciona muito bem.»

Casa arrombada, trancas à porta

Aquando do confinamento na China chegaram algumas notícias que davam conta de que em certas zonas o comércio do livro tinha crescido. As pessoas estavam fechadas em casa e compravam mais livros para

ADOPTA UMA LIVRARIA

30% DAS COMPRAS NA NOSSA LOJA ONLINE
REVERTEM PARA A LIVRARIA DO DIA

ABRIL

- 14 TERÇA — 100.ª PÁGINA — BRAGA
- 15 QUARTA — ESCRIBA — ALMADA
- 16 QUINTA — FONTE DE LETRAS — ÉVORA
- 17 SEXTA — LER DEVAGAR — LISBOA
- 18 SÁBADO — A DAS ARTES — SINES
- 19 DOMINGO — TIGRE DE PAPEL — LISBOA
- 20 SEGUNDA — CULSETE — SETÚBAL
- 21 TERÇA — SNOB — LISBOA
- 22 QUARTA — FLÂNEUR — PORTO
- 23 QUINTA — ARQUIVO — LEIRIA

WWW.ANTIGONA.PT

10% DE DESCONTO + OFERTA DE PORTES

ADOPTA UMA LIVRARIA

30% DAS COMPRAS NA NOSSA LOJA ONLINE
REVERTEM PARA A LIVRARIA DO DIA

ABRIL

- 14 TERÇA — LIVRARIA LER — LISBOA
- 15 QUARTA — HIPOPÓMATOS — SINTRA
- 16 QUINTA — ARQUIVO — LEIRIA
- 17 SEXTA — GIGÕES E ANANTES — AVEIRO
- 18 SÁBADO — SALTA FOLHINHAS — PORTO
- 19 DOMINGO — AQUI HÁ GATO — SANTARÉM
- 20 SEGUNDA — 100.ª PÁGINA — BRAGA
- 21 TERÇA — FONTE DE LETRAS — ÉVORA
- 22 QUARTA — FAZ DE CONTO — COIMBRA
- 23 QUINTA — TIGRE DE PAPEL — LISBOA

WWW.ORFEUNEGRO.ORG

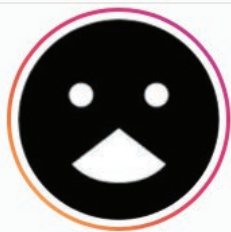
10% DE DESCONTO + OFERTA DE PORTES

Instagram

Search

Log In

Sign Up



pato_logico

Follow

485 posts

10.4k followers

1,741 following

Pato Lógico

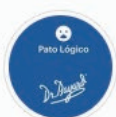
O Pato Lógico é uma editora independente que faz livros com asas e ideias sem idade.

LOJA ONLINE ▼

www.pato-logico.com/loja



Quarentena



Dr. Bayard



1.º Direito



INCM



GeraçãoS...



FLL 2019



Summer

POSTS

IGTV

TAGGED



pato lógico

Sete dias, sete livrarias

Esta semana, estamos a fazer uma parceria com pequenas livrarias que estão de portas fechadas e sem possibilidade de fazer vendas online. Até domingo, 35% do valor das vendas da nossa loja será dividido por estas sete livrarias:

- Faz de Conto (Coimbra)
- Salta Folhinhas (Porto)
- Palavra de Viajante (Lisboa)
- Arquivo (Leiria)
- Fonte de Letras (Évora)
- Centésima Página (Braga)
- Tigre de Papel (Lisboa)

O leitor tem 10% de desconto e o Planeta Tangerina oferece os portes de envio.

↓↓ **Participem** ↓↓



Cuidem-se e cuidem de quem mais precisa.
Até breve.

*As par-
cerias
vão ser
o futuro.
Já são o
presente*

ler. Seria um bom presságio para estas editoras, três das quais com loja on-line? Vale a pena continuar a lançar novos títulos sem sessões presenciais de lançamento e quando se espera que na melhor das hipóteses a Feira do Livro de Lisboa se realize em Agosto? As estratégias e as conjunturas dos quatro editores não são idênticas. Margarida Noronha afirma que não faz qualquer sentido para a Kaladraka fazer sair para um mercado parado nenhuma novidade. Até porque o confinamento apanhou a editora em processo de impressão e de distribuição de livros. «Temos livros em gráficas e no armazém da distribuidora.» Foi preciso reajustar o plano editorial para uma incerteza difícil de prever. «No ano passado editámos cerca de cinquenta títulos, entre novidades e reimpressões. Normalmente, no primeiro semestre edita-se cerca de 40% e no segundo 60% do que planificamos. Este ano vamos adiar a publicação do que estava previsto para o primeiro semestre e que ainda não tinha saído, para sair no segundo, a partir de setembro. Também temos de ver se vai ou não haver Feira do Livro mas mesmo que haja não terá o mesmo impacto de anos anteriores. O que estava agendado para o 2º semestre sairá em 2021.» Parece simples adiamento, mas é muito mais do que isso. «Até agora tivemos uma quebra de faturação de 80%. E 2019 tinha sido um ano muito bom. Esta quebra tão profunda pode fazer-nos voltar a valores de 2010, 2011. Temos de repensar tiragens e alguns títulos que fazíamos mas não nos davam lucro. Faziamo-los porque

os consideravamos muito bons e as vendas dos outros nos davam o retorno necessário. Agora possivelmente isso não vai ser acontecer.» Margarida Noronha não antecipa, apesar de tudo, o encerramento da editora. «A Kalandraka tem um nome muito sólido e é isso que nos permite resistir. Acresce que temos uma estrutura muito pequena. No entanto, esta alteração na planificação implica falar com as pessoas com quem trabalhamos, tradutores, designers, revisores sobre o trabalho em curso e em relação ao futuro. Há muita gente envolvida no sector que vai ficar numa situação muito complicada.» A sua preocupação mais profunda prende-se com uma certa liberalização do livro que começou a ampliar-se desde que muitos mediadores formais e informais começaram a contar histórias online. «Sempre que um bibliotecário nos pede autorização para contar um livro nosso nós damos. É um profissional que valoriza a obra. Para além disso presta um serviço de leitura pública e as bibliotecas compram livros às livrarias e editoras, fazem parte e alimentam o sector. Mas às vezes aparecem pessoas que querem disponibilizar o livro em pdf, por exemplo. Não pode ser. Há que ter noção de que há direitos de autor, que os autores têm de receber pelo seu trabalho.» Margarida Noronha está preocupada com o rumo que a situação está a levar. «Precisavamos de uma política para o livro que fosse mais justa. A nossa lei do preço fixo tem muitas pontas soltas. Em Espanha, por exemplo, não é assim. E é mais justo. Precisamos de pensar nisso.»

André Letria mostra-se mais apreensivo em relação ao futuro da editora. «É irónico que passados dez anos de termos começado, estejamos pelo segundo ano consecutivo nomeados para os Prémios BOP (melhor editora europeia) e ao mesmo tempo aflitos com as contas que teremos de pagar no futuro próximo.» O grande problema para uma editora pequena como a Pato Lógico», explica-nos o seu editor, «é que as margens são pequenas e as despesas fixas muito pesadas. Não se consegue acumular um valor de faturação que dê uma margem de um ano perante uma situação de paragem ou profundo abrandamento.» No caso da Pato Lógico, as quebras são de 75%, apesar de as vendas online estarem a correr bem. Mas ainda são residuais no conjunto total das vendas que aconteceriam em livrarias. As contas não são lineares nem tão fáceis de fazer. «No ano passado, com a realização da Feira de Bolonha já tínhamos novidades no mercado, que tinham sido impressas para a Feira. Este ano, quando soubemos que a Feira tinha sido adiada, num primeiro momento, também adiámos a produção. Por isso não é muito justo dizer simplesmente que tivemos uma quebra de 75%. Neste momento só temos um título novo a circular enquanto que no ano passado tínhamos uns quatro ou cinco.»

Para Isabel Minhós Martins as contas são difíceis de fazer porque têm de ter em conta pelo menos três fatores: as vendas de livros que englobam as livrarias e a loja online, o gabinete de design e a venda de direitos

internacionais que, segundo a editora, é um segmento importante. Até agora o plano editorial não sofreu alterações mas nada garante que assim se mantenha. «A nossa estratégia foi não parar livros que já estavam a ser preparados para sair. Continuámos a trabalhar neles e continuámos os projectos menos adiantados, ainda em fase de maquete, que são projectos de longa duração. Agora vamos ver quanto tempo dura a crise. Se durar dois meses, o que acontece é que as editoras refazem os seus planos editoriais, atrasam umas compras e as coisas continuam. Se for uma crise de fundo, já será bem diferente. Nós temos duas novelas gráficas para saírem em junho e teremos de equacionar muito bem se faz sentido saírem agora ou se esperamos por setembro ou outubro porque também não podemos fazer 2000 cópias de um livro para ficar aqui no armazém. A loja online não escoia assim tanto. Acho que temos características muito particulares: editamos muito pouco e é tudo mais lento. Então demoramos mais tempo a ver o impacto das coisas, boas e más.»

Este é um factor comum às três editoras que apostaram nas respetivas lojas online. Planeta Tangerina, Pato Lógico e Orfeu Negro são unânimes quanto ao sucesso de vendas. As campanhas e a aposta na comunicação tem-se verificado profícua. Isabel Minhós Martins não tem dados mas tem noção de que há mais compras. «Calhou termos um novo site nesta altura. E agora temos mais ferramentas para podermos

comunicar melhor e trabalhar melhor na loja online.» Também a atualização de informação nas redes sociais, as promoções e os passatempos animam e avivam a memória e a curiosidade dos potenciais leitores. A editora conhece relativamente bem o seu público comprador online. «São mais mulheres que homens, mães, professoras, pessoas ligadas ao livro e às artes visuais. Diria que têm em comum a atenção ao livro.» E reitera que a venda online está a correr bastante bem. «Também nos temos esforçado para que os livros cheguem rapidamente ao leitor. Agora arranjámos forma de irmos aos correios três vezes por semana para agilizar os pedidos.» Mas acrescenta: «Há livrarias que continuam a vender. Nós recebemos encomendas dessas livrarias. Algumas, que não têm loja online, aceitam pedidos e entregam porta a porta, como a Fonte de Letras, em Évora. E a livraria Ler, em Campo de Ourique (Lisboa) está a vender ao postigo e parece que está a correr bem.»

Já Carla Oliveira destaca dois momentos significativos no investimento digital: o primeiro aconteceu com a campanha **Dias em casa** cujos descontos sobre livros com mais de 18 meses era apelativa e cujo prazo de duração inicial foi alargado; o segundo foi a campanha **Adota uma livraria**, e essa superou todas as expectativas. «A campanha de descontos correu bem, mas dentro do expectável. Agora a campanha Adota uma livraria superou todas as expectativas! Não tivemos mãos a medir: atualizar a informação nas redes, torná-la

apelativa, fazer toda a comunicação, desde newsletters a posts e imagens, responder a emails dos clientes, ir aos correios... Foi uma loucura! E foi bom para todos, não é caridade. Nós não somos os ricos e eles os pobres. É uma parceria.» Que valeu a pena. A faturação foi o equivalente a um terço da que a editora faria na Feira do Livro de Lisboa. Claro que é preciso contabilizar que 30% deste valor será alocado às livrarias que a Orfeu Negro e a Antígona escolheram como parceiras para a campanha. Na última semana de abril é a vez de o Planeta Tangerina seguir o mesmo trilha com a campanha **Adote um livro** e oferecer 35% da faturação das vendas na sua loja online a sete pequenas livrarias, uma por dia.

Das três editoras que dispunham de dados sobre as quebras de facturação a Orfeu Negro é aquela que menos caiu, com cerca de 40% de quebra. No entanto, há factores importantes a analisar, entre os quais a presença regular no mercado com novidades e a distribuição autónoma. A Orfeu Negro tem a sua própria distribuidora que é igualmente distribuidora da Pato Lógico e não ter um intermediário permite trabalhar a relação com os livreiros, sejam eles pequenos ou grandes, de outra forma que a Kalandraka, que não tem distribuição própria, não pode fazer. Carla Oliveira dá-nos um exemplo quando explica o que a editora tem feito para reagir a este abrandamento quase paralisante. «Temos investido muito na comunicação online. Fomos pesquisar se todos os nossos livros estavam nas livrarias online e

que informação cada uma delas disponibilizava, quer as grandes, quer as pequenas, as antigas e as que estão a nascer por razão da pandemia. Descobrimos falhas na disponibilidade de alguns títulos, no número de edições e outras informações. Então fizemos um catálogo com sinopses, booktrailers e outros materiais de divulgação e enviámos para cada uma delas. Quem tratou disso foi a distribuição em colaboração com o departamento de comunicação. E tem dado resultado.» Margarida Noronha, por seu turno, destaca como prenúncio de sobrevivência do nome Kalandraka o facto de receber contactos particulares, muitos deles de educadoras, professoras, contadores de histórias para adquirir os livros diretamente com a editora. Nessa situação a Kalandraka opera vendas diretas. «É bom sermos contactadas, é sinal de que continuamos vivas, mas a verdade é que este movimento é residual nas contas da editora. Temos de ter uma loja online em Portugal porque a loja da Kalandraka opera a partir de Espanha e precisamos dessa autonomia.»

Apesar das quebras muito acentuadas da Pato Lógico, é um facto reconhecido pelo editor que a mais recente novidade *1º Direito* (Ricardo Henriques, Nicolau) está a ter bastante receptividade. «Beneficiámos do facto de haver uma proximidade entre o tema do livro e o tempo que estamos a viver,» reconhece André Letria. Mas a justificação não acaba aqui: «Apercebemo-nos mais do sucesso do livro na nossa loja online mas também

é verdade que fizemos um investimento como nunca tínhamos feito por causa da «Quarentenapatológica», em que promovemos encontros virtuais com autores e propostas de atividades e isso também pode contar.»

Carla Oliveira acrescenta que «é preciso haver novidades para marcar presença. Pode reduzir-se o número de títulos mas a editora tem de continuar viva». Na verdade, essa estratégia é comum, seja programada ou não. Para além deste *1º Direito* da Pato Lógico, o Planeta Tangerina lançou *Para que serve?* de José Maria Vieira Mendes e Madalena Matoso, ambos em tempos pandémicos e a Orfeu tem previsto para maio o lançamento de *Protesto*, o primeiro álbum de Eduarda Lima.

Isso não invalida que André Letria altere o plano inicialmente definido, embora esteja ainda a analisar diversos cenários. «Temos de perceber quem vai aguentar esta paragem. Não somos só nós que contamos nesta análise. Temos de perceber, por exemplo, se há gráficas ou livrarias independentes que podem fechar. Como podemos avaliar número de novidades se não sabemos ainda que mercado vamos encontrar? As perguntas são onde, como e quando?» Há quatro novidades previstas mas o editor não consegue, nesta altura, garantir datas. Pronto para entrar na gráfica, *Eu vou ser*, de André Letria, sucederá a *Estrambólicos* num plano que conta com outros títulos. Da colecção Desconcertinas estão pensados mais dois títulos e

da colecção A minha cidade, um, *Teerão*. Até maio, inclusivamente até depois dos encontros virtuais de Bolonha, a equipa irá estar a tentar perceber contextos e a avaliar os riscos. A questão das tiragens está em cima da mesa. «É possível que se reduzam as tiragens. Pode parecer ridículo porque passamos de 1500 para 1000 exemplares mas a verdade é que assim reduzimos o investimento inicial, mesmo que o preço unitário suba, e isso pode fazer diferença quando voltarmos à produção.» André questiona-se ainda sobre como será o comportamento do público à medida que as livrarias abram e ainda como se relacionará com o digital, nomeadamente do ponto de vista da comunicação. «Será que, por exemplo, o serviço educativo pode ter uma componente que não dependa das escolas, parcial ou totalmente virtual?»

A Pato Lógico também conta, tal como o Planeta Tangerina, com o gabinete de design que é preciso acompanhar e perceber como reagirá a tamanha incerteza. Por um lado, as encomendas ao gabinete de design, mantendo-se, ajudam a editora. Por outro, havendo uma quebra significativa nesta área, poderá fragilizar a sustentabilidade editorial. André Letria, no entanto, admite que já sente alguma retração nas encomendas e isso reforça a sua apreensão. «Dizer que estamos a sofrer tanto quanto produtores de conteúdos editoriais e atelier de design como quanto editora faz sentido».

A Orfeu tem números concretos de reajuste relativos a 2019: editar-se-ão 14 novidades, menos cinco que no ano passado sendo que o número de edições originais se mantém em três, e menos cinco reedições que descem de doze para sete. Em suma, serão menos dez os títulos que a Orfeu Negro, na sua colecção Mini, trará para o mercado. Apesar disso, Carla Oliveira não está demasiadamente apreensiva. Vai manter as tiragens previstas para alguns títulos e reduzir ligeiramente outras. «Tivemos de recalendarizar e repensar projectos priorizando os que chegam a um público mais alargado. Até ao final de 2020 a prioridade são os projectos originais que já estão em produção e álbuns para um público mais alargado, pelos temas ou pelo autor.» E acrescenta: «Acho que a retoma vai ser lenta. Vamos ver a repercussão na faturação e cumprimento das obrigações financeiras. Estou alerta e a ser precavida. Observo e tento reagir, não baixar os braços. Apostar muito na comunicação. Pensar como melhorar, pensar em fazer parcerias de modo a que ambos os parceiros se promovam mutuamente. Como aconteceu agora com a campanha **Adopta um livro** ou como acontece com a Pato Lógico ao longo do ano. As parcerias vão ser o futuro. Já são o presente.»

AND THE WINNER IS...

ALMA 2020

Apesar de não se ter realizado a Feira do Livro Infantil de Bolonha, o Astrid Lindgren Memorial Award foi anunciado na data prevista por *streaming*, directamente da sede da organização sueca.

A vencedora é a ilustradora sul-coreana **Baek Heena** que tem treze álbuns publicados na Coreia do Sul e é bastante lida e reconhecida no continente asiático. Conta com algumas traduções para francês, inglês, polaco e sueco. Grande parte da sua técnica assenta na criação de figuras tridimensionais que depois fotografa para os seus livros.



ESPELHO MEU

ANDREIA BRITES



A História que acaba BEM. A História que acaba ASSIM-ASSIM. A História que acaba MAL.

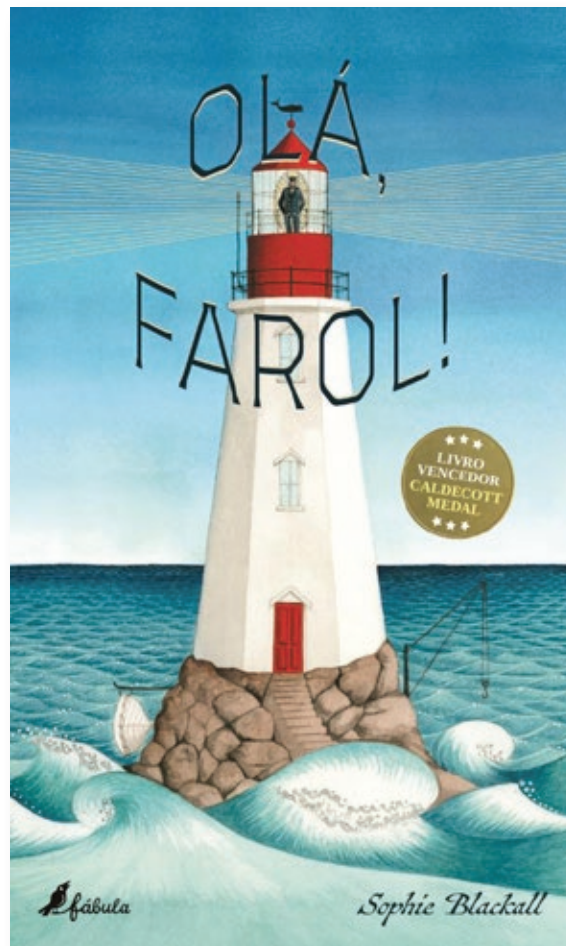
Marco Taylor
Edição de Autor

Marco Taylor é um autor discreto mas com produção regular. Os seus livros, criados em auto-edição, circulam menos do que seria desejável. A sua identidade pauta-se por uma ironia existencial que ora nos transporta para uma triste melancolia ora nos deixa com um sorriso nos lábios.

Este volume, de formato vertical, apresenta-se tripartido logo na capa: três títulos, três cores de fundo, três escolhas para o leitor. No terço superior, “A História que acaba BEM” em fundo rosa; no terço intermédio, “A História que acaba ASSIM-ASSIM” a azul e finalmente, no lugar inferior como cabe ao inferno, “A História que acaba MAL”. Abrindo o livro as folhas cumprem a mesma lógica, mas agora é o objecto que reforça a retórica da escolha. Os dois cortes horizontais permitem que as histórias se leiam de forma independente e logo o leitor percebe a ironia: no início de qualquer história não sabemos como acaba. Assim, a primeira história é o início e todos teremos de começar ali: “Início para As Histórias que acabam BEM, ASSIM-ASSIM E MAL”.

Não há como fugir: tal como previamente anunciado na contracapa será mesmo o leitor a decidir. E a curiosidade obrigará certamente a que seja confrontado com três desenvolvimentos e três finais distintos. A narrativa é visual, excepção feita para a instrução de mudança de história, para quem quiser saber como

acaba assim-assim ou mal, e para alguns apontamentos de felicidade, esperança ou mera constatação dos acontecimentos. A intriga é simples e desenrola-se até certa altura como um *road movie*. Um rapaz e uma rapariga encontram-se num passeio de bicicleta. Gestos, iniciativas, um percurso bucólico com todos os símbolos e ações do enamoramento. Ou talvez não. Se mudarmos a meio. As cores das árvores são as mesmas, as personagens seguem até ao mesmo bebedouro, não deixam de reparar um no outro nem se afastam num primeiro momento. Sequer o que acontece na história que acaba assim-assim condiciona a história que acaba mal. É um álbum surpreendente pela desarmante simplicidade narrativa, pelas expectativas que cria e pelas dúvidas que suscita ao leitor e à sua ação de ler. Preferimos não conhecer as histórias de finais não felizes? Ou o melhor será saber primeiro tudo o que é mau, depois o que é assim-assim e finalmente o bom? Ainda, perante o desvendar dos vários desenlaces, terá o leitor a mesma avaliação para cada um? Interativo, seguramente. Mas, sobretudo, um precioso objeto estético e narrativo de leitura e sobre ela.



Olá, Farol!

Sophie Blackall

Fábula

A história da passagem do tempo na repetição do quotidiano faz-se de dedicação, de observação, de solidão também. O farol e o seu faroleiro são os protagonistas desta história de duração e amor. O clima muda, o mar altera-se, o dia e a noite sucedem-se. A ilustração dá conta da mudança, pela cor do céu, do mar, das ondas existentes ou ausentes. O farol está sempre na página da esquerda, com a mesma dimensão, no mesmo ângulo. O faroleiro ganha protagonismo intercalado: coze roupa, pesca, põe a mesa, limpa as

lentes, escreve cartas... Tudo antes da chegada da amada. A partir daqui as rotinas partilham-se, enquanto se dialoga com o mar, os barcos, o horizonte. Há um naufrágio, uma doença, um nascimento. A casa circular revela-se nos seus espaços e detalhes de lar, com o tapete circular, o quadro com a baleia, os barcos de brincar da criança, os binóculos, o candeeiro a petróleo. Há indícios que remetem para o passado e a partida do faroleiro assim o comprova. Se o farol duraria para sempre no seu rochedo isolado como o texto anuncia logo no início, as funções do faroleiro cessam quando uma outra luz substitui aquela que precisava de pavio e manivela para se manter acesa. Há um ligeiro amargo de boca no final. A magia daquele profundo isolamento transformava quem ali vivia em heróis ou magos que viam e conheciam o que aos outros seria alheio. Só na última página um elemento desdobrável permite que vejamos, pela primeira vez, o que se alcança do farol. A visão da costa parece alterar um pouco todo o quadro anterior mas rapidamente se constata, na página seguinte, que essa mudança faz sentido porque agora é aqui que está a família, numa casa com uma porta vermelha como a do farol com uma lamparina na mão, para que o farol não fique, para todo o sempre, só. O Prémio Caldecott assenta muito bem a este álbum, pela disposição em texto e imagem de uma intenção elegíaca, sempre delicada, equilibrada, subtil.

Sarà
ma

*Quelle
Europe
veut-on?*

g
un

*Que Europa
queremos?*

ma



u m a e u r o p a d e s c e n t r a l i z a d a

Em 1999, José Saramago proferiu uma conferência em que levantava questões sobre o futuro da Europa e, em especial, sobre o futuro das múltiplas culturas existentes dentro dela. Neste momento em que nos perguntamos como o conjunto de países europeus reagirá aos efeitos da pandemia que afeta o mundo, a **Blimunda** recupera as palavras do Prémio Nobel português como contributo para este importante debate.



u m a

e u r o p a

p l u r a l



Do ponto de vista de uma ética abstracta, se tal conjunção existe, a Europa não tem mais responsabilidades no tribunal da História que qualquer outra parte do mundo onde se tenham disputado o poder e a hegemonia. Mas a ética, quando exercida, como é desejável, sobre o concreto social, é porventura a menos abstracta de todas as coisas: embora variável no tempo e no espaço, permanece como uma presença calada e rigorosa que, com o seu olhar fixo, nos vai pedindo contas todos os dias. Gostaria de pensar que estamos vivendo num tempo em que a Europa deveria apresentar ao juízo do mundo o balanço da sua gestão histórica, se não pretende prolongar, com o requinte de métodos que os modernos meios de comunicação de massa possibilitam, o seu vício maior, o seu pecado mortal, que é, ainda hoje, e não apenas no que se refere aos aspectos geográficos e físicos do caso, a existência de duas Europas, a central e a periférica, com o resultante e pesado lastro histórico de injustiças, discriminações e ressentimentos. Pelo que têm de óbvio, não falarei aqui das guerras, das invasões, dos genocídios e das eliminações selectivas que não pouparam nenhum espaço europeu. Falo, sim, da ofensa grosseira que é, tanto como essa outra espécie de deformação

uma europa

solidária



congénita a que chamamos eurocentrismo, aquele comportamento aberrante que consiste em ser a Europa cêntrica e eurocêntrica em relação ao seu próprio continente. Para alguns Estados europeus, culturalmente superiores segundo a narcísica opinião que de si mesmos alimentam, o resto da Europa sempre foi algo vago e difuso, um pouco exótico, um pouco pitoresco, merecedor, quando muito, da atenção de antropólogos e arqueólogos, mas onde, apesar de tudo, contando com adequadas colaborações locais, ainda se podiam fazer alguns bons negócios...



Não creio que venha a existir uma Europa autenticamente nova se esta em que vivemos não conseguir organizar-se segundo os ditames de uma ética da responsabilidade. E também não existirá se, mais do que os egoísmos nacionais, que frequentemente resultam de meros reflexos defensivos, não forem eliminados da nossa consciência os velhos preconceitos da prevalência ou da subordinação cultural. Tenho presente a importância dos factores económicos, políticos e militares nesta teia perversa de relações, mas, como homem de literatura, considero meu dever recordar que as hegemonias culturais de hoje

u m a e u r o p a

ética



são consequência, no essencial, de um processo duplo e cumulativo de evidenciação do próprio e de ocultação do alheio que teve artes de impor-se como inelutável, quase sempre favorecido pela resignação, quando não pela cumplicidade das próprias vítimas. É tempo de dizer que as culturas não são melhores ou piores, não são mais ricas ou mais pobres, são simplesmente culturas. Nisso, valem-se umas às outras, e é pelas suas diferenças, assumidas e aprofundadas, que mutuamente se justificarão. Não há, e espero que não, o ser humano. Cada cultura, em si mesma, é um universo comunicante: o espaço que as separa é o mesmo espaço que as liga, como o mar separa e liga os continentes.

O mundo inteiro anda a vestir o corpo com as mesmas roupas, ao mesmo tempo que vai usando as mesmas palavras para expressar os mesmos e cada vez mais repetitivos circuitos mentais. Começam, no entanto, a manifestar-se sinais de inquietação em áreas culturais europeias não oficiais. Parece ter-se compreendido não só que os factores culturais tinham vindo a ser praticamente menosprezados, mas também que o próprio processo integrador da União se havia convertido numa espécie de voraz Ugolino, com a diferença de que este de agora, não devorando da mesma maneira todos os seus filhos, e acaso cuidando de um ou outro com especial carinho, parecia

u m a e u r o p a

g e n e r o s a



comprazer-se nas sucessivas amputações do já de si exangue corpo da cultura europeia. Simplificando um tanto, direi que se enfrentam hoje na Europa dois partidos de forças manifestamente desiguais: o partido, maioritário, dos que têm para a cultura um projecto mercantilista, como se, tendo herdado espiritualmente Camões, Cervantes e Goethe, não tivessem outra ambição que encontrar o modo mais expedito de os converter em euros, e o partido dos outros, claramente minoritários, que ainda não esqueceram nem querem esquecer a vocação criadora europeia, rica de milénios de invenção e experimentação, e entendem que uma cultura sujeita às leis do mercado acabará fatalmente por estiolar-se. Como já está a suceder.



Dando expressão a estas preocupações, chegou a falar-se há tempos na necessidade de uma Europa refundada que afirmasse a sua paixão pelas diferenças culturais, uma Europa de culturas plurais e não de Estados forçadamente unidos, uma Europa de pólos de intensidade, mais do que de capitais, uma Europa não centralizada, mas descentrada. Se não havia então nestas ideias o objectivo meramente táctico de dar aos descontentes algo com que se distraíssem enquanto a lógica implacável do mercado

u m a e u r o p a

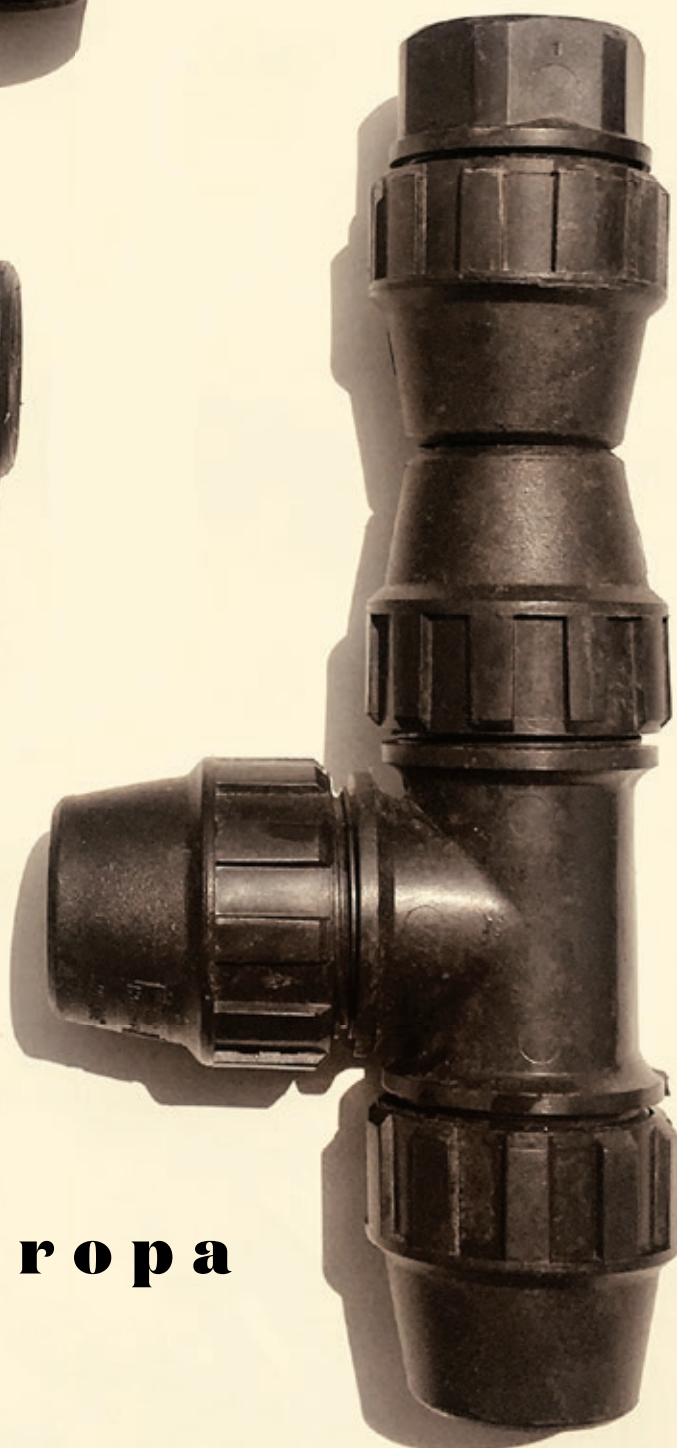
c r i a d o r a



prosseguia o seu caminho, se elas viessem a gerar passos efectivos para uma compreensão multiplamente irradiante da Europa por si mesma e da sua relação cultural com o resto do mundo, então seria talvez possível acreditar na viabilidade da Europa generosa e espiritualmente viva cuja esperança muitos de nós teimamos em guardar no coração. A responsabilidade dos dirigentes políticos comunitários não poderá ficar-se pela ponderação ou resolução mais ou menos afortunadas das questões económicas da Europa, ao mesmo tempo que as questões sociais lhes merecem uma atenção insignificante, se não preferirmos, com muito mais realismo e verdade, chamar-lhe simplesmente indiferença. A um *grand patron* da indústria francesa ouvi eu dizer não há muito tempo: *Le social, cher Monsieur, je m'en fout...*



Não é este o lugar para falar de algumas dessas questões, como o desemprego, a insegurança nas grandes cidades, a marginalização, a precariedade das pensões, as deficiências da assistência hospitalar, o fracasso rotundo da educação de massa. Cingindo-me ao tema, direi que sempre me surpreendeu não encontrar qualquer alusão às questões da cultura sempre que vi abordar o labiríntico conjunto dos problemas sociais.



u m a e u r o p a

u n i v e r s a l

Todos estamos conscientes de que se acabaram as fronteiras entre a política e a economia, que ao redor do mundo a Especulação paira sobre as nossas cabeças como antes se acreditava que o Espírito pairava sobre as águas, e, pela incontornável força das coisas, já não estranhemos que assim seja. O que não parecemos dispostos é a reconhecer que, no seu sentido mais amplo, uma consideração realmente abrangente e integradora do que designamos por «social» nunca será possível enquanto a dimensão cultural da existência social humana não for inteiramente assumida. Não como um território à parte, com fronteiras, alfândegas e pautas proteccionistas, mas como o tecido conjuntivo da identidade própria de cada pessoa e da sua pertença a um grupo, a um país, a uma civilização.



Uma Europa de culturas plurais, uma Europa descentrada, uma Europa de diferenças estaria obrigada, por essa nova natureza sua, a fazer observar uma relação de paridade operacional entre as diversas culturas que a compõem, todas elas, sem excepção. Teria de respeitar o espaço próprio de cada uma como parceira de pleno e inteiro direito, sem sujeição a outras que, também por razões de ordem política e estratégia geral,



u m a e u r o p a

c u i d a d o r a



se têm comportado como «imperializantes» por uma espécie de «direito divino», recolhendo daí todos os benefícios, sem esquecer as vantagens grosseiramente materiais que qualquer tipo de hegemonia costuma facilitar. Uma Europa, assim, termo de um binómio complexo em que o outro termo fosse o Universal, nunca seria uma Europa culturalmente colonizada nem dominada por um ou dois dos seus países. Essa Europa, enfim rejuvenescida, seria a da pluralidade de culturas, a desejada Europa sem centro, uma Europa não de clientes, mas de cidadãos, ou, mais simplesmente, uma Europa de pessoas. Sem excepções que matam nem hegemonias que assassinam – o que pressuporia, provavelmente, a necessidade de um entendimento também novo da Democracia. Mas isto já seria tema para outra conversa...

Que boas estrelas estarão cobrindo
os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands
www.acasajosesaramago.com



abril



© BRUNO SIMÃO

Companhia Nacional de Bailado

Todas as semanas, um espectáculo para ver no ecrã. Até ao dia 1 de Maio, a obra escolhida pela Companhia Nacional de Bailado é *S*, de Tânia Carvalho, peça marcada pelos contrastes e pela intensa simbologia de figuras e movimentos. ►

Orquestra Gulbenkian

Todas as terças-feiras, o site da Orquestra Gulbenkian disponibiliza um concerto filmado na íntegra, que poderá ser visto e ouvido durante um mês. O mais recente é a Sinfonia n.º 2 de Jean Sibelius, uma das obras mais famosas do compositor finlandês. ►





©GONÇALO BORGES DIAS

Everyday Covid

É uma conta de Instagram, mas também uma galeria virtual renovada diariamente com imagens feitas por fotojornalistas portugueses que estão a trabalhar durante esta pandemia. ►

A Música Portuguesa a Gravar-se a Ela Própria

Sem poder andar pelo país a registar o que se canta, Tiago Pereira criou uma versão confinada do seu projecto A Música Portuguesa a Gostar dela Própria, agora com os intérpretes a registarem as suas prestações. ►





African Voices

Uma das muitas exposições que vários museus do mundo permitem aceder virtualmente, dedicada à cultura e à tradição oral de diversos povos africanos, no Smithsonian National Museum of Natural History (EUA). ►

Cinemateca Júnior ***Digital***

A Cinemateca Portuguesa tem programado vários ciclos de filmes para ver on-line durante este período de confinamento. Entre a oferta, há dois programas pensados para os espectadores mais novos, um sobre o tema das viagens, outro dedicado ao colonialismo. ►



***A acrescentou outro
pensamento ao que tinha
pensado. Provavelmente,
ler também é uma forma
de estar lá.***

O Homem Duplicado